

A era dos remédios inteligentes contra o câncer

Os imuno-oncológicos estão mudando o combate a tumores como os de pulmão, melanoma e rim

- O Estado de S. Paulo.

- 2 Oct 2017

-

Um capítulo inédito na história da medicina começou a ser escrito recentemente com a chegada de drogas capazes de fazer com que nossas defesas mantenham sua artilharia focada no combate ao câncer. São os medicamentos imuno-oncológicos, a maior novidade no tratamento de tumores dos últimos 10 anos. “Em uma situação normal, o sistema imune protege o corpo contra o invasor”, explica o oncologista Artur Katz, que é coordenador de Oncologia Clínica do Centro de Oncologia do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Mas o câncer se vale de artimanhas para driblar essa blindagem do organismo, deixa de ser reconhecido como um agente estranho e prolifera (veja no infográfico).

Há anos os cientistas tentavam encontrar um meio de manter o exército de células defensoras ativo frente ao câncer. “Não se conseguia desenvolver uma estratégia mais concreta e robusta para isso”, diz Katz. Recentemente, com uma maior compreensão dos processos moleculares por trás do câncer, foram criadas drogas que, numa parcela dos pacientes, reverteu o jogo a favor do sistema imune e contra os tumores. Uma das novas abordagens terapêuticas é a imuno-oncologia, disponível para tratar três tipos de câncer no Brasil: melanoma, pulmão e renal. O tratamento oferece resultados clinicamente significativos e não apenas melhorias incrementais, especialmente em casos descobertos em estágios avançados. No Brasil, segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), são previstos 5.670 novos casos de melanoma para os anos de 2016 e 2017*. O câncer de pulmão é a principal causa de morte entre homens e a segunda entre as mulheres** no País e, de acordo com a Sociedade Americana do Câncer (ACS), globalmente, o câncer renal é um dos 10 tipos mais comuns entre homens e mulheres***. Neste contexto, os imuno-oncológicos representam uma opção importante para os pacientes, seja como terapia única, seja em combinação. “É uma forma muito promissora de tratamento”, finaliza Katz.

Biomarcadores para um tratamento mais preciso

Paralelamente aos medicamentos imuno-oncológicos, estão sendo desenvolvidos testes que podem indicar quem mais se favorece desse tipo inovador de tratamento. Um deles está sendo disponibilizado aos médicos pela Bristol-Myers Squibb e mostra, por meio da análise de uma biópsia do tumor, o nível de expressão da proteína PD-L1. Quanto maior for esse valor, mais vantajosa será a terapia para a pessoa. “Mas mesmo o paciente sem expressão de PD-L1 também se beneficia dos medicamentos imuno-oncológicos”, explica o oncologista Carlos Gil Ferreira, que é coordenador de Pesquisa em Oncologia do Instituto D’Or de Pesquisa, no Rio de Janeiro.

